RESENHAS

Hilário Franco Júnior. **Cocanha: A história de um país imaginário**, São Paulo, Companhia das Letras, 1998

No início da presente década o Prof. Hilário passou a dedicar-se a uma linha de pesquisa direcionada para o estudo da mitologia medieval e cujos resultados podem ser encontrados nos seus livros *As utopias medievais*, *A Eva barbada: ensaios de mitologia medieval* e *Cocanha: várias faces de uma utopia*. Mas é com a presente obra que o autor mais avança nos seus estudos, na qual aborda um tema de grande interesse para os estudiosos da civilização medieval. O livro coloca ponto final numa discussão que ocorre nos meios acadêmicos nacionais e órgãos financiadores de pesquisa sobre a possibilidade, ou não, de ocorrer avanços na historiografia medieval conduzida por um pesquisador brasileiro, trabalhando no Brasil. Seu trabalho serve de estímulo para o professor que diante das dificuldades colocadas pela prática da pesquisa nesta área aqui no Brasil muitas vezes deixa-se vencer pelo desânimo. Penso que com este livro a historiografia medieval brasileira atinge a maturidade, abrindo perspectivas para a realização de novos trabalhos.

A excelência da obra é reconhecida inclusive por um dos maiores medievalista contemporâneo, o professor francês Jacques Le Goff, que no prefácio, entre outros temas, agradece ao autor pela seu trabalho sobre o país de Cocanha, pois mesmo apesar de atrair a atenção de diversos historiadores, nunca tinha sido tratado de forma abrangente e sistemática. A partir de agora o livro deverá tornar-se citação obrigatória na bibliografia sobre o assunto.

A utopia de um país maravilhoso, de uma terra de abundância e felicidade, da eterna juventude pode ser encontrada em diversas formações sociais pré-industriais, ocidentais e orientais, sejam elas letradas ou iletradas, tanto no mundo antigo quanto no contemporâneo. Estes sonhos que povoam o imaginário de inúmeros povos vão aos poucos sendo desvendados pela pesquisa histórica, ampliando nosso conhecimento sobre as sociedades onde surgiram. É partindo do pressuposto de Duby — de que para conhecer a ordenação das sociedades humanas o historiador deve prestar a atenção tanto nos aspectos econômicos quanto mentais —, que o Prof. Hilário desenvolve seu trabalho.

Movimentando-se numa área onde são muitas as imprecisões conceituais, àquela do imaginário e da intersecção cultura popular/erudita,

o autor consegue se locomover com habilidade, discutindo e esclarecendo os pressupostos teóricos que utiliza, apresentando hipóteses precisas e bem elaboradas. Demonstrando ser um discípulo da história social, o autor abre-se à interdisciplinaridade movimentando-se com desenvoltura na área da história, literatura, semiótica, etimologia, filosofia, antropologia, sociologia, e mesmo algumas escapadas pela psicanálise.

O livro demonstra uma grande erudição e acesso a uma vasta bibliografia, mas nem por isto deixa de ser uma leitura agradável. O autor evita as citações em idiomas estrangeiros, tediosas e incompreensíveis para muitos, e com isto favorece a leitura a um público mais amplo do que aquele restrito ao interessados pela história medieval. A tradução completa do *fabliau* da Cocanha nas primeiras páginas presta um auxílio inestimável ao leitor e favorece a compreensão das idéias do autor no decorrer da obra.

No primeiro capítulo, *O Fabliau de Cocagne, mosaico textual*, localiza o texto manuscrito cronológica e geograficamente e faz algumas incursões pela área do maravilhoso em várias culturas do mundo antigo, concluindo que o "*fabliau da Cocanha* pode ser considerado um exemplo típico da utilização de lugares-comuns, de imitação, de empréstimos, de compilação enfim, prática muito difundida nas elaborações literárias medievais." (p. 50) Quanto ao público alvo do *fabliau* não há acordo entre os especialistas, e o autor prefere sustentar a hipótese de que o mito de Cocanha funciona como uma compensação imaginária para os principais grupos sociais urbanos dos séculos XII e XIII, período muito agitado na Europa em consequências das transformações oriundas do crescimento comercial e urbano ocorridas naquela época. Mas Cocanha não é só uma terra de sonho, pois representa também uma crítica social, além de uma sátira ou paródia da cultura oficial.

No segundo capítulo *A terra da abundância* parte do princípio de que a fome representava um dos piores inimigos da população da Europa medieval, daí o surgimento de várias utopias que poderiam dar cabo daquela desgraça de uma forma imaginária. Ao que tudo indica nem mesmo o nome do país — Cocanha —, estaria livre de associações com o tema dos alimentos. A dieta dos cocanianos é alvo então de interessante análise e comentário, e nos dá uma visão panorâmica dos hábitos alimentares da civilização medieval.

No capítulo terceiro *A terra da ociosidade*, a partir do verso de que "Lá, quem mais dorme mais ganha" (FC v.28), aborda-se um dos traços marcantes dos cocanianos, herança talvez dos preconceitos contra o trabalho oriundos da civilização greco-romana, da cultura germana e do cristianismo. E o interessante foi a valorização da ociosidade num momento em que o trabalho começava a ser reconhecido, refletindo talvez uma postura aristocrática contra as atividades dos burgueses. Neste

capítulo o autor defende a tese de que "a natureza cocaniana é divina." (p. 90), o que leva ao panteísmo, isto é, doutrina na qual a idéia de Deus e do mundo representa uma única realidade. Dedica também algumas páginas na análise do carnaval e outras festas populares, pois "A terra maravilhosa com seus excessos alimentares, alcoólicos e sexuais é um carnaval ininterrupto." (p. 97/98)

No quarto capítulo, *A terra da juventude* aborda-se este tema tão sonhado pelas sociedades pré-industriais, mas que permanece obcecando o mundo pós-moderno. As condições econômicas, médico-sanitárias e alimentares da sociedade medieval conspiravam para que os indíviduos tivessem uma vida reduzida, daí a ênfase dada ao assunto pelo autor do *fabliau*, que inicia e fecha seu texto fazendo referências à Fonte da Juventude. Ser jovem era uma condição *sine qua non* para desfrutar das delícias e maravilhas de Cocanha. O próprio autor do *fabliau* era um jovem, como ele mesmo afirma no texto, e que o imaginário transposto para país maravilhoso seria aquele da juventude aristocrática feudal. Mas para o Prof. Hilário o público alvo do *fabliau* não seria exclusivamente esta jovem aristocracia, pois atenderia também aos anseios e sonhos dos grupos urbanos burgueses.

No capítulo quinto, *A terra da liberdade*, discute-se as restrições que ela passou a sofrer no início da baixa idade média quando passou a ser cerceada pelo grande conjunto de normas imposto pelas monarquias centralizadas, pelos núcleos urbanos e pela igreja. Estas medidas deram origem a um clima de intolerância inexistente até então e que gerou a segregação de diversos segmentos da sociedades como enfermos, prostitutas, homossexuais, pobres de uma maneira geral, estudantes itinerantes, por exemplo. A ênfase na liberdade cocaniana seria uma compensação da liberdade real negada pelas realidade histórica daquele momento. Num momento de conflitos entre os partidários da ortodoxia da igreja e os diversos grupos heréticos que surgiram por várias partes da Europa, Cocanha desfruta de uma liberdade religiosa, e, melhor ainda, é um país não sacerdotal, conforme afirma o autor na página 139. Com uma igreja obcecada em impedir os prazeres oriundos do sexo, os cocanianos contra-atacam estabelecendo uma liberdade sexual que atinge a violência, pois os homens e a mulheres poderiam tomar a iniciativa de "pegar" os parceiros que quisessem, independente do seu consentimento, sem que isto gerasse algum descontentamento. O apelo da natureza era a única motivação a orientar a vida sexual dos cocanianos. No capítulo busca-se uma vez mais as possíveis origens do autor do *fabliau* e o Prof. Hilário enfatiza a hipótese de que vários indícios apontam para um goliardo que se investe contra a corrupta e avarenta estrutura papal e eclesiástica.

No sexto capítulo o autor aborda uma versão medieval inglesa do

fabliau, cuja tradução é apresentada. Diferententemente da versão francesa, esta é bem mais limitada, concentrando-se na paródia de uma instituição monástica, ao que tudo indica a poderosa ordem de Cister, e seu autor seria um poeta franciscano, adepto da pobreza e simplicidade. O texto teria sua gênese então nos conflitos enfrentados pelas ordens monásticas a respeito dos valores e funções que as mesmas deveriam manter.

O sétimo e último capítulo trata de versões tardias que por surgirem num contexto histórico diferente do medieval incluem alguns elementos novos, apesar de manter constante o sonho de uma terra maravilhosa. Como o autor afirma, houve uma certa popularização do país da Cocanha e muitas versões representam críticas sociais às condições de vida levadas pelas classes mais pobres da sociedade, principalmente os camponeses. Algumas versões marcadas pela ideologia burguesa voltaram-se contra o clima de ociosidade e descontração da antiga Coconha. Por outro lado o realismo, o racionalismo e o iluminismo cuidaram de dar um cunho mais realista e sóbrio a algumas versões. Muito interessante para os leitores brasileiros são as páginas dedicadas à adaptação dos ideais cocanianos para o Novo Mundo a partir do final do século XV, funcionando como incentivo para o deslocamento de grandes contigentes de europeus para a América. A vegetação exuberante, a fauna variada, as aves coloridas, os rios caudalosos, a abundância de metais preciosos, a nudez indígena, levaram a transferir para a América a realidade da Cocanha. E para encerrar o livro o autor, como medievalista e brasileiro, não poderia ser mais feliz ao abordar uma interessante e cômica versão nacional do *fabliau*, o livreto de cordel intitulado *O País de São Saruê*, cujo autor transpôs para a realidade nordestina as maravilhas do país de Cocanha.

Na análise de um recorrente sonho da civilização ocidental — a utopia de uma terra maravilhosa —, o Prof. Hilário faz uma grande viagem pelo tempo, pois inicia seu livro abordando o famoso *Poema de Gilgamech* escrito por volta de 2500 a.C. no Oriente Médio, e o conclui com um texto brasileiro de meados do século vinte.

Finalizando só resta-me recomendar a leitura do livro não só para os interessados pela cultura medieval, mas para todos aqueles dedicados aos temas relacionados ao imaginário, ideologia e cultura popular/erudita. E como aprofunda o tema referente ao carnaval deve ser leitura obrigatória para todos interessados pela cultura brasileira, pois afinal, para muitos, o Brasil é o país do carnaval.

Marco antônio de oliveira pais
Professor do Departamento de História da UFMG